

Notas sobre a localidade de São Bonifácio

(Santa Catarina)

por

Francisco S. G. Schaden

professor aposentado

Trabalho apresentado ao
IX Congresso Brasileiro de Geografia

Florianópolis

1940

Notas sobre a localidade de São Bonifácio

(Santa Catarina)

por

Francisco S. G. Schaden

professor aposentado

Trabalho apresentado ao
IX Congresso Brasileiro de Geografia

Florianópolis

1940

Ao exmo. sr. dr. HENRIQUE FONTES

Sumário

	página
Apresentação	7
I. O desbravamento	9
II. A paisagem	10
III. Clima. Salubridade. Incidentes.	11
IV. A medição das terras	13
V. Os selvícolas.	15
VI. Vida religiosa e administração eclesiástica	17
VII. O Padroeiro da localidade	19
VIII. A procissão da Sexta-Feira Santa	20
IX. A festa de Corpus Christi	21
X. O campo santo	22
XI. A escola	23
XII. Administração pública	25
XIII. O comércio	26
XIV. Vias de comunicação e transporte. Exportação.	27
XV. Reação contra os Maragatos	28
XVI. Nascimento	29
XVII. Casamento	30
XVIII. Morte	32
XIX. "Der alte Laukamps Oehm"	34
XX. Heinrich Hawerth	35
XXI. "Vater Degering"	36
XXII. O sr. Franz Treska, um dos primeiros professores da escola local	37
XXIII. O sr. Georg Lehmkuhl, um dos habitantes mais velhos da localidade.	38
XXIV. Uma crendice popular	39
XXV. O osso de jacú.	39

APRESENTAÇÃO

O objetivo destas páginas é a divulgação de algumas notícias geográficas, cronológicas e folclóricas sobre uma pequena parcela do imenso território do Brasil. Trata-se da localidade de São Bonifácio, no Município da Palhoça (Estado de Santa Catarina), onde nasceram todos os meus filhos e a que dedico especial afeição.

Espero que o trabalho possa servir também, em certo sentido, como modelo para a redação de crônicas locais, idéia por mim frequentemente pleiteada. Tive ocasião de expô-la, p. ex., há alguns anos num artigo publicado numa revista pedagógica (*“Die Kolonie-Schule”*, I, nº 8; Santa Isabel 1932), e que reproduzo aqui á guisa de prefácio:

“Nas zonas de colonização, os professores, devendo ter interesses, si não universais, pelo menos múltiplos e variados, no seu empenho de bem servirem a comunidade em que vivem e trabalham, não raro se encontram em face de trabalhos que, embora não lhes tragam lucros materiais, devem contudo ser feitos. Além disso, o professor é muitas vezes a única pessoa de sua localidade em condições de realizá-los. Uma dessas tarefas é, a meu ver, a redação de uma crônica local. Para um ensino vivo e eficiente, o professor precisa, aliás, possuir conhecimentos mais ou menos exatos da região em que desenvolve a sua atividade. E as anotações desse gênero podem-se, frequentemente, aproveitar muito bem para as lições de coisas e para as aulas de geografia e de história.

As crônicas existentes referem-se todas ás colônias de maior desenvolvimento. E é bem difícil obter informações sobre a história das outras zonas de colonização. Em conversa com o editor do livro comemorativo do centenário da imigração alemã no Estado de Santa Catarina, disse-me ele que, apesar de repetidas tentativas, não lhe foi possível, ás vezes, obter dados autênticos sobre certas zonas, pelo que, escrevendo sobre elas, era obrigado a limitar-se a referências superficiais e vagas. Urge remediar este inconveniente. E para isso é recomendável que cada professor se torne o cronista da comunidade em que trabalha, registrando fielmente, para as gerações vindouras, os grandes e os pequenos acontecimentos de sua localidade. Não se objete que nas colônias

nada sucede de notavel, pois, refletindo um pouco, cada professor se lembrará sem dúvida de uma série de fatos que ele mesmo presenciou e que merecem ser memorados. E isto, sem que seja necessário descambar para o terreno das pequenas rixas locais, que, em vez de perpetuadas, deveriam ser esquecidas o mais depressa possível.

Idêntico apelo foi feito já no ano de 1916 por ocasião de um congresso seccional da União dos Professores do Sul de Santa Catarina, entidade que infelizmente deixou de existir. A sugestão teve um eco muito insignificante: conheço um único trabalho por ela inspirado. Mais tarde também o professor Paul Mainhard elaborou uma crônica da localidade do Rio Poncho. Entretanto o autor, em vez de incorporar o trabalho ao arquivo escolar, levou-o consigo, quando se retirou da escola. Algum dos seus sucessores, por conseguinte, o deveria refazer.

O professor Mainhard, com o qual conversei frequentemente sobre o trabalho em questão, contou-me também a origem do nome Rio Poncho, exemplo frisante para a necessidade de se começar quanto antes com as anotações, afim de se prevenirem erros futuros. Vejamos, em largos traços, o resultado da pesquisa.

Depois de colonizado quasi todo o vale do Capivarí, os colonos penetraram também, aos poucos, nos vales adjacentes. Na confluência do Rio Poncho com o Capivarí, morava, naquele tempo, uma família de nome Mandel, motivo pelo qual o rio ficou conhecido pela denominação de "*Mandelfluss*". Mais tarde todos os membros dessa família se mudaram para outro lugar; e os colonos que se iam estabelecendo nos terrenos, e nada sabiam a respeito dela, transformaram o nome do rio em "*Mantelfluss*". Explica-se facilmente essa modificação involuntária, porquanto não havia colono que ignorasse o que era um poncho (*Mantel*), ao passo que a amêndoa (*Mandel*) não era conhecida pelos moradores. Posteriormente, os agrimensores que aí fizeram a divisão definitiva dos lotes, serviram-se da denominação alemã, e como lhe ignorassem a etimologia, traduziram-na simplesmente por Rio Poncho, nome hoje oficializado, mas que propriamente deveria ser Rio Amêndoa. Passados mais um ou dois decênios, sem dúvida já não teria sido possível verificar este fato, pois hoje está completamente apagada a memória da família Mandel."

Os subsídios aquí apresentados referem-se aos primeiros 75 anos (1864—1939) da existência de São Bonifácio. Constituem, em parte, uma ampliação e, até certo ponto, uma retificação da memória escrita em 1918 e arquivada na Prefeitura Municipal de Palhoça.

São Bonifácio, em fins de 1939.

Francisco S. G. Schaden

I. O DESBRAVAMENTO

A mais antiga notícia impressa que encontrei sobre São Bonifácio procede da pena do Dr. J. E. Wappäus (*Handbuch der Geographie und Statistik des Kaiserreichs Brasilien*, Leipzig 1871). Trata-se da seguinte passagem:

Pag. 1815/16: “Esta colônia (Teresópolis) foi fundada no ano de 1860 com 41 famílias alemãs, parecendo ter bem florescido, embora a região não se nos afigure bem escolhida, porquanto todo o terreno é bastante acidentado. A largura da várzea do Cubatão aí ultrapassava raras vezes a do próprio leito fluvial, e as margens são, em alguns lugares, tão íngremes que é impossível cultivá-las. Para a agricultura parecem muito mais promissoras as terras que abrangem o vale do Rio do Cedro, afluente do Rio Cubatão, e o do São Miguel, tributário daquele, região pela qual igualmente se estendeu a colonização. Afirma-se serem muito mais vantajosas as condições do terreno do vale do Alto-Capivarí, que banha o oeste e o sul do território da colônia, mas que está separado do atual centro por terras montanhosas. No ano de 1867 todavia já se dirigiram numerosos colonos para essa parte do território, da qual se espera ótimo florescimento agrícola, logo que as estradas para lá projetadas estiverem concluídas. Salvo raras exceções, porém, os campos que se formarem nos vales fluviais mencionados em primeiro lugar nunca poderão ser trabalhados com o arado.”

A história da atual vila de São Bonifácio começa com o ano de 1864, época em que os primeiros imigrantes se estabeleceram no Capivarí. Como já estivessem ocupadas as terras próximas da sede de Teresópolis, era necessário colonizar partes mais distantes. Em Teresópolis, nas imediações da atual cadeia, existia uma grande barraca, onde se abrigavam os imigrantes. Em atenção a esse edifício, aliás, a vila de Teresópolis era até há pouco conhecida como “*Die Brack*” no linguajar dos habitantes do Capivarí.

Enquanto as mulheres e crianças ficavam nessa barraca, os homens partiam com os filhos crescidos á procura de um terreno apropriado, onde levantavam o primeiro rancho, que, embora extremamente primitivo, satisfazia as necessidades do momento.

Segundo indicações do finado Walter Buss, filho de um dos primeiros imigrantes, estabeleceram-se no Capivarí, em fins de 1864, as seguintes famílias: Doppelstein, Böing, Hemkemeier, Schülter, Bäumer, Höper, Van der Linde, Buss, Schmitz. Dos colonos chegados pouco mais tarde, menciono ainda, sem todavia exgotar a lista: Dege-ring, Wameling, Exterkötter, Schmetter, Pottmeier, Willemann, Blömer, Probst, Wigger, Assing, Tenfen, Schneider, Heidemann, Lüch-

tenfels, Krämer, Locks, Beckhäuser, May, Schmöller, Wassing, Vandresen, Klaumann, Rohling, Rösner, Merten, Eller, Moll, Röker, Blatt, Rodius, Hawerth, Nack.

Muitos desses imigrantes eram ligados entre si por relações de parentesco. Além disso, havia quasi sempre, entre eles, várias famílias provenientes da mesma localidade da Alemanha.

Encontram-se ainda, entre a população de São Bonifácio, representantes de grande parte dos nomes acima citados, enquanto, no correr dos tempos, os membros de outras famílias, retirando-se da colônia, abriam lugar para os descendentes das que ficaram. Ao passo que são menos numerosos os representantes das famílias que chegaram em épocas posteriores, contam-se sempre, entre os atuais descendentes dos primeiros imigrantes, três ou mais famílias portadoras do mesmo nome.

II. A PAISAGEM

Por ocasião dos levantamentos geográficos efetuados em muitos pontos do Estado na presidência do Dr. Adolfo Konder, também São Bonifácio teve a visita de um engenheiro encarregado de fazer aí as respectivas medições. Além dos outros instrumentos necessários, levava consigo um aparelho de rádio para ter sempre conhecimento exato da hora normal. Não sei si houve divulgação dos resultados obtidos.

Calculo a situação geográfica de São Bonifácio em cerca de 48° 50' de longitude ocidental e 27° 50' de latitude sul.

A altitude da localidade é de 480 metros (cf. A. Entres). É de 50 metros, aproximadamente, a diferença de nível entre a vila e a baixa do terreno — a uns 10 quilômetros — em que a estrada de rodagem, entrando no distrito de São Bonifácio, atravessa a divisa das aguas entre o Capivarí e o Cubatão.

A região aquí descrita é ricamente irrigada. Os ribeirões maiores foram, quasi todos, apelidados com os nomes dos primeiros colonos que se estabeleceram nas respectivas embocaduras. Assim, p. ex., Ribeirão Bröker, Ribeirão Moll, Ribeirão Buss, Ribeirão Blömer, Ribeirão Theis. Outras denominações têm origem diferente: Ribeirão Ferro, Ribeirão Branco, "*Mühlbach*" (riacho da atafona). Para se fazer uma idéia da quantidade das aguas transportadas pelo Rio Capivarí em tempo de chuvas, basta considerar que o nível se eleva frequentemente 1,50 metros acima do normal. Registaram-se até várias enchentes em que as aguas subiram cerca de três metros.

Na parte que aquí entra em questão, o vale do Capivarí se alarga em cinco pontos, formando planícies que se estendem quasi sempre pelas duas margens do rio. Tem-se a impressão de aí terem existido

outrora grandes lagos que se escoaram pelo leito fluvial. Essas planícies foram em parte transformadas em pastagens, e em parte são trabalhadas com o arado.

O terreno restante é montanhoso, mas limitado por linhas suaves. São raras as penhas abruptas ou até descalvadas. Dentre os montes aí existentes, apenas dois receberam uma denominação especial, o "*Pelzberg*" e o "*Spitzkopf*". O primeiro, que, como veremos em outro capítulo, até chegou a ter certa importância histórica, não é mais visível da atual estrada de rodagem.

Quasi todas essas terras podem ser aproveitadas para a agricultura, mas, por serem muito acidentadas, o trabalho deve ser feito quasi exclusivamente á enxada. Com a sua diligência e perseverança, os lavradores ainda assim conseguem produzir o suficiente para o sustento de suas famílias. Plantam sobretudo milho e mandioca. O milho se destina á engorda dos porcos. Também a mandioca é cultivada, em primeiro lugar, para alimento dos animais, e só uma insignificante parcela entra nos engenhos de farinha. A produção de batata inglesa e de arroz destina-se apenas ao consumo interno.

A região aquí descrita estende-se por umas 1.500 braças de ambos os lados do rio. Confina com vastos faxinais que servem de inverno para o gado bovino; os animais dão-se aí muito melhor do que nas pastagens do vale fluvial, onde as geadas são bastante frequentes.

Em muitos pontos, a opulenta mata virgem de outrora ficou reduzida aos cumes dos montes e ás partes mais afastadas do rio. O cedro e outras madeiras de lei, muito abundantes em outros tempos, também já se tornaram raras. Para as suas próprias construções, os moradores até já recorrem aos troncos mais grossos do capueirão, que levam aos engenhos de serra que existem na localidade. Em vários casos, chegaram mesmo a importar tábuas de pinho. A madeira de lei ainda existente na mata virgem fica quasi toda reservada para os trabalhos da estrada de rodagem, para cercas e para madeiramentos de telhados. Ao passo que antigamente a maioria das casas era edificada com madeiramento completo, generalizaram-se, nos últimos tempos, as construções de tijolo.

III. CLIMA. SALUBRIDADE. INCIDENTES

A região de São Bonifácio, indiscutivelmente uma das mais saudáveis de todo o Estado, apresenta todos os requisitos necessários para uma estação de curas e repouso, que agora se poderia instalar sem dificuldade, sobretudo porque com a nova estrada de rodagem a vila tem facil comunicação para todas as direções, e porque aí se acaba de construir

um hotel que, embora modesto, oferece todo o conforto necessário. Poder-se-ia mesmo aproveitar uma fonte termal existente na mata virgem, a poucos quilômetros da vila, sem que até hoje fosse explorada.

O Registo Civil, que fornece a melhor demonstração da excelência do clima, acusa mais de vinte nascimentos por ano, enquanto o número de óbitos varia entre dois e quatro. (Graças á disciplina da população, os dados do Registo podem ser considerados como rigorosamente exatos, porquanto todos os fatos são comunicados imediatamente á autoridade competente.)

A localidade conta hoje pouco mais de cem famílias com um total de aproximadamente mil habitantes, quasi todos descendentes de colonos alemães. A falta de terrenos disponiveis fez com que, no correr dos anos, muitos filhos da região se dirigissem para zonas menos povoadas. Só nos últimos tempos recorreu-se á divisão de uma ou outra propriedade em várias parcelas. Com um aproveitamento racional dos terrenos, estes comportariam um número de agricultores duas vezes maior.

Desde a fundação da colônia de São Bonifácio, registaram-se aí ao todo três surtos de moléstias epidêmicas. O primeiro foi o da varíola (1891), mas, em virtude das medidas imediatas, registaram-se apenas duas vítimas. Seguiu-se-lhe a difteria em 1902, causando a morte a sete crianças. E em 1918, quando a gripe espanhola se alastrou pela região, verificaram-se aí três óbitos em consequência da epidemia, que, além disso, deu origem a notavel diminuição de nascimentos nos dois anos seguintes. A coqueluche, o sarampo, a varicela e semelhantes moléstias contagiosas, irrompidas várias vezes no seio da população, causaram um número de vítimas muito pouco consideravel. Os carroceiros do lugar, que, em alguns casos, voltaram de suas viagens acometidos de febres intermitentes, sempre se curaram rapidamente.

Desde que, no ano de 1913, a progenitora de quem escreve estas notas se estabeleceu em São Bonifácio como parteira diplomada, não houve, na localidade, nenhum nascimento em que a parturiente perdesse a vida. Com o mesmo êxito, trabalham atualmente em São Bonifácio duas parteiras formadas na maternidade de Florianópolis.

Houve igualmente pouquíssimos acidentes com consequências fatais. Sei de um único caso em que um lavrador foi esmagado por uma árvore. Deu-se isto logo depois da fundação da colônia. Por falta de antídotos, houve, nos primeiros tempos, várias mortes em consequência de mordeduras de cobras.

Pelo fogo foram vitimadas uma vez uma mulher e uma criança, que na roça estavam ocupadas na colheita de milho. Uma pequena fogueira, acesa para aquecer o almoço, se alastrara de tal forma que a mãe e a criança, inopinadamente cercadas pelas labaredas, não se pu-

deram salvar. O pai, que estava perto com outro filho do casal, felizmente conseguiu escapar das chamas. Num outro caso, um morador, acometido de epilepsia, caiu numa fogueira, vindo a falecer, pouco depois, em consequência das queimaduras. Nos três incêndios até agora registados na região, ninguém perdeu a vida, verificando-se apenas prejuízos materiais.

Por ocasião de uma enchente do Rio Capivarí, em 1935, as águas levaram uma ponte. Há notícia apenas de quatro mortes por afogamento; duas das vítimas eram crianças da localidade, enquanto as outras duas eram adultos, moradores de outras regiões.

Os desbravadores das matas do Capivarí quasi não foram importunados pelos aborígenes, que nos primeiros tempos depois da fundação da colônia, habitavam ainda aquelas florestas. Mencionaremos, em outro capítulo, as poucas ocorrências registadas.

O caso mais grave até hoje verificado foi um assassinato ocorrido em 1935 e que deu origem ao primeiro processo. Entre duas famílias dos primeiros colonos houve também, há muitos anos, uma luta com armas de fogo, mas sem consequências imediatas. Conduzida á prisão, uma das pessoas implicadas, no entanto, veiu a falecer depois de poucos dias.

IV. A MEDIÇÃO DAS TERRAS

O primeiro mapa do Alto-Capivarí foi elaborado pelo agrimensor Augusto Heeren, incumbido pelo governo imperial de proceder á repartição dos lotes territoriais. Como a região fizesse parte da colônia de Teresópolis, é provavel que o serviço do sr. Heeren estivesse também subordinado á diretoria de colonização daquela sede. O mapa de sua autoria compreende os terrenos de São Bonifácio, Santo Antônio e Santa Maria, mas abrange apenas o vale propriamente dito do Capivarí, ao passo que a medição dos lotes mais afastados do rio, como das terras dos ribeirões afluentes, foi efetuada posteriormente pelos agrimensores Schappo, Eisendecker e outros.

Considerando-se as dificuldades de orientação existentes naquele tempo, em que tudo estava coberto ainda de mata virgem, deve-se reconhecer como relativamente exato o trabalho do sr. Heeren.

No seu serviço, o agrimensor se fazia acompanhar de uma pequena turma de auxiliares, na maioria colonos e filhos de colonos, que assim ganhavam um pouco de dinheiro, o artigo mais raro entre os imigrantes recém-chegados. O pessoal da turma devia ser frequentemente substituído, porquanto os lavradores não se podiam afastar por muito tempo de suas plantações.

O agrimensor e seus trabalhadores habitavam um pequeno rancho, construído na floresta com o rico material aí existente. Quando se ia tornando muito grande a distancia entre o lugar do trabalho e o rancho, este era abandonado e substituído por outro. Em pouquíssimos casos era possível aos trabalhadores alojarem-se por certo tempo em alguma habitação de colonos, porque estes, há pouco chegados, viviam ainda em condições extremamente modestas.

Nem sempre era fácil á turma arranjar todos os alimentos de que precisava. Os lavradores, produzindo no princípio somente os gêneros necessários ao próprio consumo, difficilmente podiam ceder alguma coisa. Para se fazerem as compras, devia-se, por conseguinte, ir até Teresópolis; si bem que aí tambem não houvesse nenhuma abundancia em produtos, a colônia, fundada alguns anos antes de São Bonifácio, já estava um pouco mais adiantada. O maior inconveniente era a viagem, porque, alem da grande distancia, havia as difficuldades do próprio caminho, que não passava de uma estreita picada acompanhando, ora numa, ora noutra margem, os vários cursos de agua. Como não existissem pontes, os colonos, em tempo de chuva, não tinham outro meio si não despir as calças, para atravessarem o rio a pé. Quando pouco adiante havia outro rio a atravessar, nem sempre tornavam a vestir as calças, mas continuavam o caminho com as pernas nuas até chegarem ao rio seguinte.

A carne era o gênero alimentício que o agrimensor e seus auxiliares geralmente obtinham com mais facilidade, pois, alem da riqueza em caça que distinguia as matas, o Rio Capivarí merecia bem o seu nome.

Um conto de caçador relativo aos tempos de Heeren é o seguinte:

Heeren, que era conhecido como exímio caçador, possuia tambem uma ótima espingarda, com a qual infalivelmente acertava o alvo, mesmo a grandes distancias. Os colonos, porém, dispondo somente de armas muito inferiores, deviam aproximar-se bastante da presa, caso a quisessem matar. Certo dia, Heeren observou como um trabalhador da turma perseguia um veado que se dirigia para o rio. No momento em que o caçador queria disparar a espingarda, o agrimensor, que estava no seu rancho, abateu o animal.

Heeren desfrutava grande estima entre os moradores de São Bonifácio. Como prova, basta lembrar que a família Probst o convidou para padrinho de uma filha.

Alem de um mapa de São Bonifácio na escala de 1:10.000, indicando a distribuição atual das terras, o autor destas notas elaborou um cadastro que, para a maioria dos lotes, remonta até os primeiros habitantes.

V. OS SELVÍCOLAS

Não há muito que dizer a respeito dos índios que, antes da fundação da colônia e ainda nos primeiros tempos de sua existência, abundavam na região do Alto-Capivarí. Viviam a seu modo nas florestas e não se aproximavam dos colonos. Estes, no entanto, tinham deles algum medo, talvez justificado, rezando, sempre que se reuniam na capela para o culto dominical, um Padre-Nosso para não serem surpreendidos por alguma incursão dos selvícolas. Esse hábito arraigou-se de tal modo que ainda era observado quando cheguei a São Bonifácio, época em que já não havia perigo algum.

Às vezes os índios no entanto haviam manifestado certo atrevimento; certo dia foram observados num pasto proximo á casa do colono Exterkötter a descansarem sobre umas pedras aí existentes. Noutra ocasião invadiram mesmo a residência de Heinrich Tenfen. Alem da dona da casa, já idosa, e alguns filhos ainda pequenos, todos os membros da família haviam saído para o culto dominical. Ao aparecerem os inesperados visitantes, todos, com exceção de um menino que se escondeu na mata próxima, fugiram para a morada do vizinho, Karl Probst, que, sendo protestante, não tinha ido á reunião de culto. Correu pressuroso para a capela, alarmando a população. Os homens que estavam no templo dirigiram-se imediatamente para a casa do colono, mas, quando aí chegaram, os selvícolas já se haviam retirado, levando consigo, sem maior dano, algumas ferramentas e peças de roupa. Não teve êxito a perseguição movida aos indígenas porque se julgava ter sido raptado o menino, que não apparecera imediatamente.

Em conexão com o acontecimento acima exposto, costuma-se narrar o seguinte fato, ocorrido pouco tempo depois.

Na casa do colono Klaumann havia "*Musik*", como costumavam chamar as domingueiras. Por qualquer motivo não se haviam convidado aos filhos do vizinho, que então conceberam um plano de vingança. No mais animado do folgado, acercaram-se do local, escondendo-se na mata próxima, de onde desencadearam verdadeira chuva de pedras sobre o telhado da casa. No mesmo momento ouvia-se o grito assustador: "*Die Buger kommen!*" (Aí vêm os bugres!), fazendo com que a música parasse imediatamente. Os cães da casa, entretanto, descobriram logo os perturbadores, correndo para a floresta. E como os moços, para se porem a salvo, se dirigissem pressurosos para a sua própria residência, traia-os o latir dos cães.

Conta-se todavia que um dos antigos moradores de São Bonifácio, Heinrich Vandresen, teve frequentes encontros com os selvagens. Falava muitas vezes a este respeito com os seus vizinhos. Estes o ouviam

sempre atentos e com interesse, mas a expressão de seus rostos espelhava as dúvidas que tinham acerca da verdade dos fatos narrados. Certa vez, Vandresen, notando essas desconfianças, prometeu trazer, do encontro seguinte que tivesse, a orelha de um selvícola. Pouco tempo depois, voltando precipitadamente da mata, o colono pediu aos vizinhos que o acompanhassem, para com ele afugentarem os índios. Enquanto se dirigiam para a floresta, Vandresen contou-lhes o que acontecera. Estivera trabalhando sozinho numa roça á beira da floresta, quando, sem que tivesse desconfiado de coisa alguma, se sentira abraçado inopinadamente por um indivíduo que, vindo de trás, lhe apertava o ventre com os braços, procurando derrubá-lo. O agressor, que era um índio, chamou logo pelos seus companheiros, e dentro em pouco haviam saído do mato mais alguns indivíduos. Lutando desesperadamente, Vandresen conseguira ter um braço livre, para desembainhar o facão que levava á cintura. Abaixara-se, em seguida, cravando, por entre as pernas, o facão no ventre do adversário, o qual, soltando horrível grito, caíra por terra. Como os outros selvagens já se tivessem aproximado do lugar da contenda, Vandresen, não tendo á mão a sua arma de fogo, que estava encostada a uma árvore, fugira apressadamente. — Chegando á roça em que se dera o incidente, os colonos encontraram uma poça de sangue, mas não viram mais o índio ferido. Os companheiros certamente o tinham levado para a floresta. — Heinrich Vandresen não podia, pois, exhibir a orelha prometida. (*)

Na revista "*Pindorama*" (I, 2/3, São Paulo 1937, pag. 25), o meu filho Egon Schaden, em estudo intitulado "*Einiges über die Schokleng von Santa Catharina*", faz as seguintes observações:

"Somente no sul do Estado, nas florestas e faxinais que se estendem entre Anitápolis e o Rio Capivarí, vive ainda um pequeno bando desses índios (Schokleng), formado de uns 10 ou 12 indivíduos, no máximo. É provavel que, em época muito remota, esse grupo, por quaisquer rixas, se tenha separado da tribo principal, e que, posteriormente, com a colonização das terras situadas entre as duas facções, tenha perdido a possibilidade de se unir novamente aos antigos companheiros. Há alguns anos tive ocasião de visitar um acampamento abandonado desses indígenas, situado no meio da mata virgem. Consistia em dois ranchos apenas, dos quais, no entanto, os colonos estabelecidos na região já haviam retirado todos os objetos deixados pelos aborígenes. Nas habitações dos referidos colonos encontrei, mais tarde, uma parte desses utensílios".

(*) Sobre o episódio há ainda a seguinte versão: Vandresen, depois de matar um índio com uma pistola de dois canos, dispunha-se a cortar-lhe as orelhas, quando foi agarrado no braço esquerdo por um selvícola que se aproximara desapercibido e ao qual então deu a facada. Além da arma, encontrada depois á margem da floresta, diz-se ter havido, numa árvore, o sinal duma flechada na direção do ponto do qual o colono teria atirado contra o indígena.

VI. VIDA RELIGIOSA E ADMINISTRAÇÃO ECLESIASTICA

A maioria dos colonos que se estabeleceram no Capivarí era proveniente da Vestfália, província profundamente católica da Alemanha. Desprovidos de regular cura de almas, os imigrantes trataram, por isso, de instalar o culto leigo, para o qual todos se reuniam aos domingos e dias santificados. Uma das primeiras obras executadas em comum e atendendo aos interesses da coletividade foi, por isso, a construção de uma capela. O espírito de sacrifício com que foi empreendida permitiu que o templo fosse construído com dimensões tais que ainda em 1921 comportava todos os habitantes católicos da localidade. Infelizmente não pude ainda obter dados exatos sobre o ano da construção. Os mais velhos moradores do lugar também sabem informar apenas que a capela foi levantada “bem no princípio”. Deve ter sido, mais ou menos, no ano de 1865.

Alem das orações correspondentes á missa, liam-se, nas reuniões de culto religioso, a epístola, o evangelho e a explicação destes textos sagrados, hábito ainda hoje observado na ausência do vigário da paróquia. Conserva-se ainda na igreja um dos primeiros livros usados para esses exercícios religiosos. Trata-se de um Goffiné, edição de 1874. As reuniões eram dirigidas no princípio por Gerhard Heinrich Tenfen, ao qual sucedeu Gerhard Tenfen, seu filho. Seguiram-se depois Heinrich Hawerth, Walter Buss e Franz Hawerth. Em caso de impedimento, eram substituídos por outras pessoas. É grande o mérito desses homens que se empenharam pelo bem espiritual da comunidade, e só Deus os pode recompensar.

Para os canticos sacros que se intercalavam entre as várias orações e a leitura do Goffiné, empregou-se, no começo, o manual da diocese de Münster, de onde eram originários os colonos. Vários exemplares desse livro ainda hoje existentes na igreja levam a data de 1868. Como não fosse possível, posteriormente, conseguir número suficiente de exemplares do manual adotado, um comerciante de Teresópolis importou da Alemanha o livro correspondente da diocese de Tréveris, que veio a substituir o anterior. Pelo ano de 1910, os únicos canticos latinos cantados além dos alemães, eram o *Tantum ergo*, o *O crux, ave* e o *Misere-re mei, Deus*. Mais tarde, quando eu mesmo dirigí o coro da igreja, ensaiei ainda a *Missa* latina e o *Requiem*, além de outros canticos nesse idioma. Há alguns anos já que se cantam igualmente na igreja canticos em lingua portuguesa. O desenvolvimento atingido pelo coro dificilmente poderá ser ultrapassado por alguma comunidade vizinha.

Em 1913 a comunidade de São Bonifácio adquiriu um pequeno harmônio, agora substituído por outro de 6 oitavas e 12 registros.

A administração eclesiástica da colônia esteve primeiro a cargo do velho P. Wilhelm Roer, vigário de Teresópolis, que, no entanto, em virtude da grande extensão da paróquia, só podia visitar a capela umas quatro vezes por ano. Esse estado de coisas melhorou somente, quando, a 12 de dezembro de 1891, o velho pároco foi substituído por PP. Franciscanos. Em 1910 a paróquia passou novamente para a jurisdição de um sacerdote secular, o P. Augusto Schwirling. Como, nesse interim, várias comunidades tivessem passado para outras paróquias, as visitas se tornaram mais frequentes, i. é, de dois em dois meses, passando mesmo a ser quasi mensais, depois que a cúria diocesana de Florianópolis resolveu conceder temporariamente um capelão á paróquia.

Por ocasião dos distúrbios de 1918, quando o cônego P. Francisco X. Giesberts, vigário da Laguna, se teve de retirar daquela cidade, foi ele nomeado pároco de São Bonifácio. A comunidade, recebendo-o naturalmente de braços abertos, construiu logo para ele confortavel residência, adquirindo, igualmente, tudo que era necessário para uma igreja paroquial. Verificou-se admiravel surto religioso, e as festas eclesiásticas passaram a ser celebradas com verdadeira pompa.

Transferido para São Pedro d'Alcantara, o P. Giesberts foi substituído pelo P. Bernardo Bläsing, que, prossequindo a obra apostólica com o mesmo zelo do seu antecessor, levou a comunidade a construir uma nova igreja em substituição da antiga capela. Inaugurou-se o novo templo a 5 de junho de 1921.

Pouco tempo depois, quando o P. Bläsing foi transferido para outra paróquia, mudou-se para São Bonifácio o P. Schwirling, que até então continuara residindo em Teresópolis. Além de incentivar o canto coral da igreja e de fomentar, na medida de suas possibilidades, o progresso da escola local, o P. Schwirling tratou sempre de proteger os interesses econômicos da população. Foi grande igualmente o zelo com que se empenhou na construção do novo prédio escolar, há pouco terminado.

Das várias Santas Missões havidas em São Bonifácio, todas a cargo dos PP. Franciscanos, a primeira foi em 1901, a segunda em 1915 e a última em 1925.

As visitas pastorais havidas, em 1916 e em 1928, foram ambas realizadas pelo sr. arcebispo D. Joaquim Domingues de Oliveira.

A situação dos moradores protestantes não diferia muito daquela em que viviam os católicos. Também eles recebiam raramente a visita do pastor da comunidade, obrigado a vencer sempre grandes distancias, quando os quisesse visitar. Os pastores protestantes residiam ora em Teresópolis, ora em Santa Isabel, e até em Quadro do Norte.

Nos primeiros tempos, o culto era realizado em casas particulares, posteriormente nas duas escolas construídas ao norte e ao sul de São Bonifácio. A igreja evangélica da localidade, construída com subvenção de uma associação missionária em terreno doado pelo sr. Georg Lehmkuhl, data do ano de 1917. Ultimamente as reuniões de culto religioso são feitas apenas por ocasião das visitas do pastor.

VII. O PADROEIRO DA LOCALIDADE

Parece que a escolha de São Bonifácio para Padroeiro da colônia foi sugerida por estranhos. Entre os imigrantes que se estabeleceram no Alto-Capivarí não existia ninguém com este nome, e, exceto uma criança que faleceu (1934) logo depois de batizada em perigo de morte, o primeiro menino que na localidade recebeu o nome de Bonifácio, foi um filho de Francisco Roth (1938). Também neste caso o nome provavelmente foi escolhido só porque a criança nasceu no dia do Padroeiro.

Como no princípio fosse difícil obter uma imagem do Santo para o altar da capela, esteve aí, por muitos anos, um quadro de São Ludgero, que, no entanto, era por muitos tido como representando o Padroeiro. Ainda existe essa antiga imagem, que se encontra atualmente num dos corredores da residência paroquial.

Logo que o permitiu a situação econômica, encomendou-se na Europa uma estátua de São Bonifácio, verdadeira obra de arte caprichosamente talhada em madeira. A imagem foi comprada por intermédio do sr. August Brüggemann, comerciante estabelecido nas proximidades do mercado de Florianópolis. Chegada a estátua, os colonos Walter Buss, Peter Degering e Heinrich Hawerth, este com seus filhos Bernhard e Johann, foram á capital, afim de a buscarem. Na travessia de Florianópolis para a Palhoça, o caixão com o santo foi quase parar no fundo das águas, em consequência de forte temporal que até cortou os mastros da lancha em que o levavam. De Teresópolis, onde a estátua foi desencaixotada e envolvida em panos e num poncho, carregaram-na cuidadosamente ao seu destino. Não vive mais nenhum dos que a transportaram, mas os moradores mais velhos lembram-se ainda das circunstâncias.

Nos primeiros meses de 1938 chegou a São Bonifácio uma nova estátua do Santo, oferecida á igreja pelo Dr. Álvaro Monteiro de Barros Catão e sua exma. esposa Da. Zita. A imagem, que agora ocupa o lugar da anterior, excede em cerca de 25 cm. a altura desta, distinguindo-se, além disso, por viva policromia. No dia do Padroeiro, do mesmo ano, realizou-se a cerimônia da benção da nova estátua, precedida de solene procissão por toda a vila.

Alem das imagens acima referidas, possui a comunidade um quadro de São Bonifácio doado pelo sr. Franz Treska, antigo professor da escola local. Em outro capítulo lembraremos os motivos que o levaram a fazer esse donativo.

VIII. A PROCISSÃO DA SEXTA-FEIRA SANTA

Com especial destaque, comemorava-se em São Bonifácio a Sexta-Feira Santa, dia em que anualmente toda a população, inclusive as mulheres levando ao braço as crianças de peito, realizava extensa procissão de Via-Sacra. Entre o acompanhamento viam-se também sempre numerosas pessoas das capelas vizinhas. O itinerário, compreendendo pouco mais de quatro quilômetros, levava da capela a um outeiro existente na propriedade de Anton Schmöller — hoje Gabriel Hawerth —, de onde voltava para a capela.

A procissão, que, mormente em dias de calor, era grande exercício de penitência para os que nela tomavam parte, era precedida por dois velhos que carregavam uma cruz de taboas, cujo madeiro principal tinha o comprimento de 2,75 m., enquanto o transversal media 1,35 m. Conta-se que, para aumento do peso, a cruz, em que havia uma cavidade, fora, em vários anos, preenchida de areia. Bernhard Degering carregava-a á maneira de Cristo quando subiu ao Golgatha, enquanto Anton Schmöller o auxiliava sustendo a parte posterior. Mais tarde Bernhard Degering foi substituído por Georg Lehmkuhl.

Alem de descalços, todos iam sem chapéu, o que ás vezes era verdadeiro suplício, principalmente para os velhos cujo cabelo já escasseava. Anton Schmöller, para se proteger um pouco contra os raios do sol, fazia, por isso, um nó em cada ponta de seu lenço, passando-o sobre a cabeça á maneira de uma touca. Pelas pontas afastadas, o lenço, com alguma fantasia, podia bem ser comparado a uma coroa de espinhos.

Seguiam-se a cruz de procissão, as bandeiras e os alunos da escola acompanhados pelo professor.

O ponto de partida do cortejo era a cruz da missão, diante da capela, que, representando a primeira estação, ostentava o primeiro quadro da Via-Sacra de ordinário pendurada na nave da igreja. As estações seguintes eram formadas de uma mesa, coberta de toalha branca e ornada com dois castiçais. Os quadros eram levados com antecedência aos lugares correspondentes, enquanto a mesa acompanhava a procissão. Na sétima estação, o alto da colina a que acima nos referimos, havia uma grande cruz de madeira, maior do que a que precedia o cortejo. Junto á cruz da missão, que representava também a 13ª estação,

rezavam-se as grandes orações de súplica. A última estação era o altar-mor da capela.

Walter Buss, que já antes da minha chegada a São Bonifácio dirigia o cortejo e recitava as orações da Via-Sacra, entoava diante de cada estação:

“O Crux, ave, spes unica,
Hoc passionis tempore!
Pius audage gratiam.
Reisque dele crimina.”

Repetia-se três vezes esse canto, e, ainda que a pronúncia latina não fosse impecável, o efeito produzido na assistência era de verdadeira edificação espiritual.

Para rezar a Via-Sacra, usava-se um livrinho muito velho, de folhas amareladas e rotas. As orações nele contidas, entretanto, se haviam tornado tradicionais, e a população já as sabia quasi de cor. Certo dia, porém, um Padre Jesuita de Florianópolis, que viera a São Bonifácio para repousar alguns dias, e que, por não ter o que fazer, se pôs a arrumar a sacristia, eliminando tudo o que lhe parecia imprestável, entre outras coisas também queimou aquele livrinho, que durante tantos anos servira para os exercícios religiosos da Sexta-Feira Santa.

Com a permanência regular de um sacerdote na localidade, foi-se extinguindo o hábito daquela procissão anual. Não porque discordasse das recomendações da Igreja, mas porque ao lado das cerimônias prescritas pelo *Memoriale Rituum Benedicti XIII*, que a partir de então se observa rigorosamente, não há mais possibilidade para uma procissão de várias horas.

A grande cruz de madeira sobre a colina também não existe mais.

IX. A FESTA DE CORPUS CHRISTI

A festa de Corpus Christi era comemorada todos os anos por uma reunião de culto na capela, mas pela falta do S. S. Sacramento do Altar, não se podia fazer uma procissão solene. Por este motivo, grande parte da população ia anualmente a Teresópolis, para aí tomar parte no cortejo religioso. Com a elevação de São Bonifácio a residência paroquial, aqui também se começou a comemorar a festa de Corpus Christi com uma procissão solene que substitue a da Sexta-Feira Santa. E desde que as paróquias de Teresópolis e São Bonifácio estão novamente a cargo de um único sacerdote, numa delas a festa é comemorada no próprio dia, enquanto na outra as cerimônias se realizam no domingo imediato.

Na véspera observa-se grande movimento na vila. Um carro de bois depois do outro vêm carregados de palmitos, com que se orla, dos dois lados, o caminho da procissão. Em outros carros transporta-se a madeira destinada á construção dos altares. De todas as casas afluente gente com flores e panos para enfeites. Para digno adorno dos altares, cada qual vem trazendo as mais vistosas toalhas e os mais artísticos paninhos que possui. Em alguns altares se observam finos trabalhos de serra mecânica. Para aumentar o aspecto festivo do cortejo, levantam-se, ao longo do caminho, longas hastes em que tremulam bandeiras multicores.

Sobre a procissão não há muito que dizer, porquanto nela se observam as prescrições litúrgicas. O acompanhamento é formado de todos os habitantes católicos da localidade, como de muitos visitantes das capelas próximas.

X. O CAMPO SANTO

O terreno para a capela e o cemitério, ocupando ao todo uma área de 2.345 m², foi doado á comunidade pela família Vandresen.

Até que se construiu a nova igreja, o cemitério ficava junto á capela, havendo uma cerca única em torno de ambos. Da entrada do cemitério ao portão da capela estendia-se larga alameda de palmeiras, que outrora podia ser tida como ornato, mas que agora deveria ser substituída por outra de ciprestes, visto que as palmeiras em parte já pereceram, e em parte perderam a beleza de antanho. A alameda divide o campo santo em duas partes, uma das quais ainda está desocupada, enquanto 234 m² da outra ficaram reservados á capela e um passeio que a circundava, lugar em que hoje se ergue uma grande cruz cercada de ciprestes. Cerca de 598 m² foram cedidos á comunidade evangélica, e o resto ocupado pelas sepulturas dos católicos.

Dos falecidos membros da comunidade, alguns foram sepultados em outros cemitérios. Em Teresópolis encontra-se, p. ex., o jazigo da viuva Marie Katharine Hawerth, da família Nienhaus, cujo corpo foi carregado pelos colonos áquela localidade, quando não existia ainda o cemitério de São Bonifácio. Não me foi possível saber si, pela mesma circunstancia, ainda outros membros da comunidade foram levados áquela campo santo. Repousa aí, por outros motivos, uma criança de São Bonifácio; duas outras estão sepultadas em Santo Antônio, enquanto um adulto foi enterrado em Tubarão e outro no Rio do Sul. Em compensação, encontram-se no cemitério de São Bonifácio os jazigos de várias pessoas de fora, aquí surpreendidas pela morte.

Outrora, quando a capela ficava ainda junto do cemitério, costumavam-se visitar, antes ou depois das reuniões de culto, as sepulturas dos falecidos membros da família, hábito que diminuiu consideravelmente desde que se construiu a atual igreja, a uns duzentos metros de distancia.

Não conseguí, ainda, determinar quem fosse o primeiro morto sepultado no cemitério local. Nas chapas das cruzes mais antigas encontrei os seguintes dados:

Bernhard Pottmeier, falecido a 5. 4. 1871;
Elisabeth Exterkötter, da família Gesing, falecida a 6. 4. 1872;
Ferdinand Vandresen, falecido a 13. 12. 1873;
Katharine Laukamp, da família Janning, falecida em 1875.

Uma série de sepulturas já desapareceu, pois não houve quem cuidasse delas. Infelizmente, porque a memória dos que aí repousam, também deveria ser perpetuada, porquanto contribuíram, com suas forças físicas e morais, para o desbravamento da região.

Os primeiros mausoléus de cal e pedra foram erguidos na secção reservada aos protestantes, enquanto no lado dos católicos só havia cruzes. Mais tarde, porem, estes imitaram os protestantes, levantando muitos monumentos sepulcrais sobre jazigos de adultos e de crianças. O que surpreende, é que, salvo raras exceções, todos esses mausoléus apresentam o mesmo aspecto. São bem uma expressão do poder nivelador da morte, mostrando como todos são operários da vinha do Senhor, onde cada qual trabalha com as forças e faculdades que Deus lhe deu. As inscrições tumulares eram todas redigidas em idioma alemão, mas, desde a proibição oficial, gravam-se apenas, nos mausoléus, o nome e as datas de nascimento e óbito.

O autor destas notas, esforçando-se por organizar uma relação de todos os mortos enterrados no cemitério local, conseguiu registrar a grande maioria dos jazigos de adultos, enquanto para as crianças a tentativa falhou completamente.

XI. A ESCOLA

Salvo raras exceções, os imigrantes que se estabeleceram na colônia de São Bonifácio, sabiam ler e escrever. Compenetrados da necessidade destes conhecimentos, não queriam que os filhos ficassem privados de escola. Nos primeiros anos, porem, não havia tempo nem meios que lhes permitissem a construção de um prédio escolar. E não havendo também, neste sentido, esperanças de auxílio por parte do governo, os colonos tiveram de ocupar provisoriamente a capela como sala de aulas.

Faltava resolver o problema do professor, e como não se pudesse contratar mestre-escola com formação profissional, um simples colono se devia incumbir interinamente da tarefa de ensinar as primeiras letras á juventude e de transmitir-lhe alguns rudimentos de aritmética e religião. Não existindo também, entre os colonos recém-chegados, uma pessoa que falasse o português, o único recurso era ensinar na lingua materna, na expectativa de que, com o tempo, o governo resolvesse a questão.

Foi assim que nasceu a escola de São Bonifácio. Os primeiros professores que teve foram Bernhard Rech, Heinrich Höper e Heinrich Moll. São poucas as notícias que temos do trabalho destes pioneiros, cuja atividade se deve ter prolongado até 1875, aproximadamente. O que é certo é que cumpriram conscienciosa e lealmente a tarefa de que foram incumbidos, pelo que a comunidade lhes conservará grata memória.

Seguiu-se-lhes o professor Heinrich Schmetter, que dirigiu a escola por quasi dez anos e que teve por sucessores Kluge, Schneider e Heinrich Hawerth, os quais, no entanto, lecionaram por pouco tempo apenas.

Tambem os professores seguintes, Franz Treska e Gustav Ferdinand Barth, não se conservaram no seu posto por longo tempo, mas esforçaram-se, do mesmo modo como os seus antecessores, por cumprir satisfatoriamente os deveres de seu cargo.

Só depois da atividade destes mestres-escola, pelo ano de 1895, a comunidade construiu um prédio escolar, em terreno doado, para este fim, pelo colono Ferdinand Vandresen. O ensino foi então confiado a Daniel Thälisch. Este, como já diversos de seus antecessores, se estabelecera na colônia especialmente para dirigir a escola, que ficou a seu cargo durante vários anos. A profissão de Daniel Thälisch era a de sapateiro, que ele exercia juntamente com o officio de ensinar.

Não me foi possível descobrir os nomes dos dois professores seguintes. Mais tarde vieram Theodor Stuffer, Franz Seiler e Johann Leonhard Harger. Depois deles, a escola foi entregue a Oskar Petsch, o seu primeiro professor formado por um seminário. A atividade deste mestre-escola, que compreende vários anos, divide-se em dois períodos. Ignoro os nomes dos professores que o substituíram entre um e outro período.

Aloys Hölz, o professor seguinte, além de desempenhar a sua missão na escola, dirigiu também o coro da igreja. Foram seus sucessores Johann G. Schröder e Hermann Römer.

Em 1912, poucas semanas após a saída de Römer, o autor destas notas tomou a direção da escola de São Bonifácio, na qual trabalhou até 1938. Houve uma curta interrupção, durante a qual foi substituído

pelas professoras Das. Edésia Koerig e Maria Duarte. Por dois anos, em que a escola esteve desdobrada, um dos cursos ficou a cargo de seu filho Elmar.

Convém notar ainda que, em 1901, algumas famílias, estabelecidas a montante do Rio Capivarí fundaram uma comunidade escolar própria, que ainda existe. Outra separação deu-se em 1903, a jusante; a sociedade aí fundada, porém, teve apenas uns quinze anos de existência, de modo que os alunos voltaram a frequentar a escola da sede.

Foi somente em 1918 que a escola de São Bonifácio obteve oficialização. O autor destas notas foi portanto o seu primeiro professor público. As duas professoras acima mencionadas tinham a mesma qualificação. Depois de minha aposentadoria, o ensino esteve a cargo dos seguintes professores: sr. Hilário Antônio da Silva, Da. Maria Cecília Coelho e Da. Clélia Mayworme, que atualmente dirige o estabelecimento.

Em 1939 a comunidade construiu novo prédio escolar com duas amplas salas de aula e capacidade suficiente para acolher todos os alunos que possam afluir da vila e dos arredores.

XII. ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Não somente quanto aos misteres eclesiásticas, mas também no concernente aos seus interesses civís, a colônia esteve por tempo relativamente longo sob a administração de Teresópolis. O desmembramento de São Bonifácio e a sua conseqüente elevação á categoria de distrito, deu-se apenas no ano de 1918, pela lei municipal nº 271, de 23 de setembro. Essa transformação efetuou-se inopinadamente e sem preparativos. Em conseqüência disso, os vários cargos criados com a fundação do distrito tiveram de ser acumulados por poucas pessoas. O sr. José Selhorst, p. ex., foi nomeado intendente distrital e subdelegado de polícia, enquanto o autor destas notas, embora já fosse professor público, recebeu o cargo de escrivão distrital. Posteriormente, quando o sr. José Selhorst se retirou de São Bonifácio, eu mesmo tive de aceitar ainda o posto de intendente, enquanto o sr. Rudolfo Rohling foi nomeado subdelegado de polícia. Não causou dificuldades a escolha dos juizes de paz, o primeiro dos quais foi o sr. Roberto Henrique Köhl. — Em virtude da disciplina dos moradores do distrito, a administração, aliás, se instalou com muita facilidade.

Com as grandes transformações governamentais por que passou o País, houve também mudanças na administração do distrito. O cargo de intendente foi transferido primeiro para o sr. Jacó Vanroo, de quem

passou para o sr. Roberto Henrique Kühl, que o ocupa ainda. Para subdelegado de polícia foi nomeado o sr. Adolfo Hawerth, e para suplente deste, o sr. Francisco Scharf. O posto de juiz de paz é ocupado, desde 1936, pelo sr. Antônio Hawerth, enquanto o de escrivão distrital passou para as mãos do sr. Bernardo Grathwohl Krebs Jr. O cargo de agente fiscal, ultimamente criado, é desempenhado pelo subdelegado de polícia.

As condições postais continuam desfavoráveis, porquanto o distrito depende ainda da agência dos correios e telégrafos de Teresópolis. Esperemos que para breve o governo instale em São Bonifácio uma agência desses serviços públicos.

Outro inconveniente para a população de São Bonifácio originou-se da transferência da exatonia estadual para Anitápolis, aonde os moradores só podem chegar por meio de um grande desvio, enquanto a comunicação com Palhoça, onde antigamente se pagavam os impostos do distrito, é muito mais fácil e cômoda.

XIII. O COMÉRCIO

Não conseguí determinar ao certo quem fosse o primeiro vendeiro da localidade. As vendas mais antigas de que há memória, foram as de Schülter, Eller e Vandresen, distantes, uma da outra, uns cinco a seis quilômetros. Ofereciam-se aí apenas os objetos mais indispensáveis para a vida quotidiana, como fósforos, fumo, isca, linha para coser, agulhas, botões, grampos para o cabelo, além de bonbons, doces, bolachas, ros-cas, biscoitos e cachaça. Ainda há uns trinta anos, as casas comerciais da povoação não tinham muito mais do que isso. Junto às vendas havia sempre uma hospedaria para abrigo dos viajantes e um pasto para os seus animais de carga e de montaria. Nas tardes de domingo, os colonos se reuniam na venda, e aí, conversando sobre as novidades da semana, faziam um jogo de cartas e tomavam um traguinho. Na venda de Schül-ter oferecia-se, todos os domingos, pão fresco aos colonos que voltavam das reuniões de culto religioso.

A mulher de Schülter tinha verdadeira paixão pelo jogo de cartas. Não perdia ocasião para jogar. Certa vez pernoitou na venda um pom-beiro. À noite, os dois se sentaram em torno duma pipa no centro da sala, e, á luz escassa duma lamparina, entregaram-se ao jogo. O novo parceiro de Frau Schülter, porem, era mais habil do que ela, embolsando somas relativamente apreciáveis. Finalmente a mulher saiu da sala, voltando, daí a pouco, com o avental cheio de "*Kuppers*" (denominação dada ás antigas moedas de vintem). Dentro de pouco tempo, porem,

estas haviam passado igualmente para o bolso do parceiro. Diante da derrota, a maior que até então sofrera, a mulher do vendeiro suspendeu o jogo.

Quando a família Eller se mudou de São Bonifácio, a venda passou para as mãos do vizinho, Karl Gustav Probst, que a transferiu para a sua residência. Continuou-a, mais tarde, o filho deste, Emil Probst, que, depois de alguns decênios, a passou para outra família.

Ferdinand Vandresen era proprietário da venda da sede. Em terrenos próximos, por ele doados, se construíram a capela e a escola, e formou-se o cemitério. Com a morte de Vandresen, ocorrida em 1873, a viuva e os filhos continuaram o negócio até 1895, ano em que a propriedade foi vendida a Georg Lehmkuhl.

XIV. VIAS DE COMUNICAÇÃO E TRANSPORTE. EXPORTAÇÃO

Nos primeiros tempos, não eram absolutamente satisfatórios os meios de comunicação da colônia. Nas estreitas picadas, o transporte podia ser feito apenas por meio de mulas. Além disso, a região do Capivarí ficava relativamente distante dos mercados. Os colonos, obrigados, por isso, a recorrer a uma produção que fosse rendosa e não sofresse demasiada influência desses inconvenientes, escolheram, como atividade produtora, a criação e engorda de porcos, ramo mais tarde seguido por todo o vale do Capivarí como do Braço do Norte. Deu-se isso, porque a banha de porco, sem ter grande volume, atingia aceitável preço nos mercados.

Em cada cargueiro se podiam levar quatro latas de querosene com um total de aproximadamente 80 quilos de banha. Precisava-se naturalmente, para o transporte, de boas bestas de carga, que não se criavam na colônia. Estas, como as vacas leiteiras, eram importadas da região lageana, negócio de que se encarregou principalmente a família Rösner.

Desde que, no governo Felipe Schmidt, começaram a melhorar as vias de comunicação, o transporte podia, em parte, ser feito por meio de carroças, cujo número, em pouco tempo, se tornou considerável. Instalaram-se, na mesma época, várias casas comerciais que compravam a banha produzida na localidade, levando-a a Florianópolis.

Não tardou também a fundação da primeira refinação de banha. Instalada pelo senhor Heinrich Weber, que exportou o produto sob a denominação de "*Nívea*", foi continuada depois pelo sr. José Selhorst, que empregou a marca "*Jasmim*". Logo que o sr. Selhorst se retirou do lugar, fechou-se também a refinação por ele dirigida, e somente passa-

dos alguns anos, o sr. Alberto Rösner abriu nova casa do ramo. Em consequência da nova legislação sobre gêneros alimentícios, ele foi até obrigado a construir moderna fábrica de produtos suínos, onde, na época mais favorável do ano, se chega a matar uns 50—60 porcos por vez. A carne e outros produtos em parte são vendidos na própria localidade, e em parte levados para Florianópolis. A banha, a princípio conhecida sob a marca “*Érica*”, e que hoje leva a denominação “*Avai*”, é exportada para o Rio de Janeiro.

Os meios de comunicação da localidade melhoraram consideravelmente nos últimos anos. A grande rodovia que atravessa o distrito, está em constante conservação, estabelecendo ligação para o norte como para o sul do Estado.

XV. REAÇÃO CONTRA OS MARAGATOS

Durante muitos anos, a colônia de São Bonifácio não obteve auxílio por parte do governo, e, como vimos, os moradores, apesar de sua operosidade, se deviam contentar com péssimas estradas e veredas, que quasi não lhes permitiam levar os seus produtos agrícolas ao mercado de Florianópolis. Essa atitude do governo remontava, em parte, aos acontecimentos de 1893.

Sobre os fatos daquele ano, enquanto interessam á história de São Bonifácio, há dois artigos publicados em almanaques do Rio Grande do Sul. O “*Koseritz’ Deutscher Volkskalender auf das Jahr 1900*” traz uma memória do pastor protestante Emil Gans, sob o título “*Aus meinen Revolutionserinnerungen*”. O segundo artigo, “*Revolutionsgeschichten aus dem südlichen Santa Catharina*”, da autoria de P. Wolfhart, apareceu no “*Der Familienfreund für das Jahr 1915*”.

De Tubarão partira um grupo de Maragatos, que se dirigia para Teresópolis subindo o vale do Capivarí. O comportamento desses homens não era de todo exemplar. Sem qualquer indenização, levavam consigo o melhor gado dos colonos que moravam á beira do caminho, de modo que estes, para prevenirem maiores danos, eram obrigados a recorrer á força. Cerca de 150 colonos organizaram um bando, pondo-se a perseguir o grupo de Maragatos. Depois de os alcançarem, tomaram-lhes a dianteira por outro caminho, ficando de atalaia nas imediações de um morro chamado “*Pelzberg*” pelos habitantes da região. Ouvindo como alguns dos Maragatos, que se vinham aproximando, faziam gracejos sobre os “*alemães burros*”, dez dos que se haviam emboscado, dispararam imediatamente as suas armas. Dentro de poucos minutos estava concluída a luta. Nove homens e duas mulheres do grupo de Maragatos ficaram mortos no caminho; uma jovem foi aprisionada

e, mais tarde, levada a Tubarão. Entre os que conseguiram fugir, havia alguns feridos, que somente depois de vários dias chegaram a Teresópolis.

Os colonos apoderaram-se novamente dos animais que lhes haviam sido roubados e enterraram as vítimas numa sepultura comum. Num pasto próximo do local do combate, os atuais moradores conhecem ainda o lugar da sepultura, que, no entanto, não se distingue por nenhum sinal exterior.

Uma expedição punidora, pouco depois enviada contra São Bonifácio, foi interrompida antes que alcançasse o vale do Capivarí.

XVI. NASCIMENTO

O nascimento de alguma criança é a ocorrência social de São Bonifácio que melhor patenteia os hábitos patriarcais dos habitantes da localidade. A esse respeito, observa-se, todavia, de alguns anos para cá, um certo declínio do interesse e da participação gerais da população, tão vivos e intensos em outros tempos.

No primeiro encontro com os progenitores, dão-se-lhes os parabens pelo "*junger Buer*" ou "*junge Tochter*", desejando, ao mesmo tempo, "*viel Glück und Segen*" (muita felicidade e benção).

A escolha do nome fica geralmente a cargo dos pais. Como se pode observar pelos pais de família, preferiam-se, há alguns decênios, os apelidos antigos, como Peter, Paul, Karl, Emil, Wilhelm, Johann etc. Nos últimos anos entraram em voga também formas mais modernas, contanto que sancionadas pela Igreja. Não agradando aos padrinhos o nome escolhido pelos pais, assiste-lhes o direito de rejeitá-lo e substituí-lo por outro.

Convidam-se habitualmente para padrinhos do primeiro filho os progenitores do pai, e, si possível, os da mãe para o segundo. Os irmãos casados do pai e da mãe seguem-se como padrinhos para o prole restante.

A média de filhos por família é de 7 a 8. Existem também famílias com prole mais numerosa, enquanto são muito raros os casais sem filhos. (Os casais católicos têm quasi sempre prole mais numerosa do que os protestantes.)

Cabe aos padrinhos a compra do enxoval do batizando: uma camisinha e uma saia com rendas, o vestidinho de batismo e uma touca, que além das rendas levam fitas de seda. Outra peça do enxoval é um chale de lã. Os padrinhos mais generosos juntam ainda a fazenda para mais um vestido. O pagamento da espórtula do batismo fica igualmente a cargo dos padrinhos.

No decorrer dos primeiros dias após o nascimento da criança, as mães de família da localidade fazem a sua visita á parturiente. Dá-se isso geralmente no domingo imediato ao dia do parto. Nesse dia as mulheres costumam ir acompanhadas de seus maridos, que se reúnem em torno de uma mesa para um jogo de cartas, enquanto as mulheres fazem companhia á mãe do recém-nascido. Os visitantes levam quasi sempre alguma oferenda, na maioria dos casos uma galinha, uma dúzia de ovos, alguma massa de farinha de trigo, arroz ou outro artigo semelhante para a cozinha do lar feliz. É devido a este hábito que essas visitas se chamam "*Kromschütten*". Todos os que se apresentam são chamados á mesa para tomarem o "*Kindchenkaffee*", e os homens não podem recusar um gole de cachaça; isso, porque, caso contrário, o jovem cidadão, como se afirma, não poderia urinar.

Não é hábito comemorar o aniversário de nascimento, nem festejar o dia onomástico. Durante alguns anos, no entanto, os padrinhos presenteariam as crianças, pela passagem do natalício, com algum objeto de utilidade prática: um vestidinho, umas calças, uma camisa ou coisa semelhante.

Não se esquecem os padrinhos dos seus deveres para com o afilhado, cuidando dele, quando os pais não estão em condições de fazê-lo. São, porem, raros os casos em que tal acontece.

Só excepcionalmente os afilhados empregam o título de "*Pate*" ao se referirem ao padrinho; não no usam na saudação. Nem se ouvem, em São Bonifácio, salvo raríssimas exceções, os títulos "*compadre*" e "*comadre*", muito usados entre as famílias luso-brasileiras como em várias regiões de colonização alemã.

XVII. CASAMENTO

Em consequência da situação econômica dos últimos anos, ou seja por outros motivos, vai declinando consideravelmente em São Bonifácio o pendor para os festejos de casamento. Ao passo que outrora se convidavam, para as bodas, quasi todos os moradores da localidade, hoje se reúnem apenas os membros das famílias dos noivos para uma festinha íntima. Já na vespera das bodas apresentavam-se rapazes e moças, afim de prestarem o seu auxílio nos preparativos da festa. Cada qual trazia alguma contribuição, como manteiga, ovos, galinhas, etc. Enquanto uns ajudavam na lavagem da casa ou na limpeza dos moveis, outros preparavam girandolas e ramalhetes de flores, ou levantavam palmitos no pátio. Á sombra do chorão abatia-se um novilho, e nas imediações dos chiqueiros sangravam-se alguns porcos. Na cozinha e diante do forno, onde um grupo das mulheres mais idosas ajudava á dona da

casa, observava-se a mesma lufa-lufa. Os trabalhos continuavam até altas horas da noite, pois havia muito que preparar para uma festa de tão grande importancia.

Apesar de bastante espaçosas, as habitações dos colonos não eram suficientemente amplas para comportarem todos os convidados. Além disso, a sala de estar ficava reservada para dansar. As mesas e os bancos para o banquete eram, por isso, armados geralmente no pátio, á sombra das laranjeiras, ou então num galpão espaçoso, quando o tempo merecia pouca confiança.

Antes da elevação de S. Bonifácio a residência paroquial, o jovem casal devia ir a Teresópolis, na véspera do casamento. Os cavalos em que iam os noivos e as quatro testemunhas eram ornados com fitas de papel de seda de várias cores. Á frente andava um cargueiro, enfeitado do mesmo modo; levava as roupas festivas, que naturalmente não se podiam usar durante a viagem. Mesmo assim, reconhecia-se com facilidade o séquito de casamento pelos animais enfeitados como pelas fitas multicores presas aos chapéus dos cavaleiros.

Para a cerimônia do casamento, o jovem par vestia-se de preto; o noivo levava um raminho de flores ao peito, enquanto a noiva tinha uma grinalda sem véu. Além do vestido de noiva branco, hoje já está adotado também o uso do véu.

O dia das bodas era geralmente um sábado e coincidia sempre com o do enlace matrimonial. Já de manhã cedo começava o movimento na casa do hospedeiro. Os noivos e as testemunhas, porem, que vinham de Teresópolis, podiam chegar somente á hora do almoço. Pouco antes do meio-dia partia ao encontro deles um pequeno grupo de cavaleiros, precedido de uma bandeira e dos músicos munidos de gaita de fole. Os outros membros do grupo iam todos com um feixe de foguetes debaixo do braço, afim de anunciarem a chegada a todo o mundo. No ponto do encontro, adiantava-se um dos cavaleiros, felicitando o jovem casal em nome de todos. O cortejo reunido dirigia-se, em seguida, para a casa festiva, tocando músicas e soltando foguetes para se anunciar aos convidados, que o esperavam ansiosamente na casa do hospedeiro.

Chegados ao pátio, os membros do cortejo apeavam dos seus animais. Levantava-se a bandeira num ponto do qual pudesse ser avistada de longe. Ficava aí até o fim da festa. Feito isso, os noivos e as testemunhas formavam fila de dois diante da porta da casa aberta, cujos batentes, ricamente enfeitados, ostentavam habitualmente um letrado multicolor com a palavra "*Willkommen*" (benvindos). Em torno deles, os convidados se reuniam em semi-círculo, enquanto os parentes próximos dos noivos ficavam no interior da casa. Uma pessoa, previamente

designada, apresentava-se á porta, cumprimentando os recém-casados com longa poesia de felicitações. Seguia-se um “Hurra!!!”, três vezes repetido, ao qual todos respondiam com reboante voz. Depois disso, ouvia-se ensurdecedor pipocar de foguetes, enquanto á porta aparecia uma jovem, trazendo uma bandeja com dois copos de vinho. Cada um dos noivos retirava um dos copos, tomando um gole e passando a bebida para as testemunhas. Depois de beberem, o noivo e as testemunhas masculinas colocavam uma moeda na bandeja. Sómente então o casal entrava na casa para receber as felicitações dos pais e parentes. A seguir, os recém-casados dirigiam-se para duas cadeiras adornadas, que lhes ficavam reservadas para o resto do dia; recebiam aí os parabens dos restantes convidados. Enquanto isso, as mulheres encarregadas da cozinha tinham preparado as mesas para o banquete. Havia naturalmente uma mesa de honra para os noivos com seus pais e os parentes mais chegados. Levantando-se os recém-casados, afim de se dirigirem para a mesa, as testemunhas tinham a obrigação de carregar-lhes as cadeiras enfeitadas; e depois do banquete deviam levá-las novamente para a sala. Cada um dos noivos era servido por um casal de testemunhas, as quais, entretanto, faziam simultaneamente a sua refeição. Um grupo de rapazes, chefiado pelo músico, ia de mesa em mesa, cantando e recolhendo moedas para este, em pagamento de sua atividade durante a festa. Terminado o banquete, dava-se início ao baile; era aberto com dansas dos noivos e das testemunhas, que dansavam com os pares trocados. No decorrer da tarde, todos os convidados, velhos e jovens, tomavam parte no baile, que, porem, costumava terminar nas primeiras horas da noite. Por causa das grandes distancias, muitas famílias partiam para as suas residências antes do fim da festa.

Ainda hoje a época preferida para os casamentos é a da colheita do milho, e logo nos primeiros dias o casal se estabelece na propriedade, preparada pelo noivo já no ano anterior.

XVIII. MORTE

Já entre os primeiros desbravadores do Alto-Capivarí podia-se notar acentuado espírito de solidariedade, que se ia intensificando sempre mais em virtude das dificuldades que tinham de enfrentar na luta contra a mata virgem, onde cada qual dependia do outro. Conservou-se até os nossos dias essa solidariedade forjada naqueles anos de desbravamento. Em caso de doença, p. ex., quando se precisa de alguém que chame o médico, que procure a farmácia, ou ainda, que avise o sacerdote quando o enfermo se encontra em grave perigo, todos, sem

exceção alguma, se prontificam a socorrer na medida de suas possibilidades, mesmo nas horas altas da noite ou com tempo desfavorável. Tratando-se de alguma moléstia contagiosa, usa-se evidentemente da necessária cautela, mas sem, por isso, negar os préstimos solicitados.

É claro que em caso de óbito se continua a ajudar onde pareça conveniente. Em geral, um dos vizinhos da família enlutada encarrega-se da direção dos vários trabalhos, de modo que os parentes do falecido quasi não se precisam incomodar com coisa alguma. Um dos primeiros serviços é o de lavar e vestir o defunto. — Lembro-me de ter visto, pouco depois da minha chegada a São Bonifácio, um morto envolvido completamente em morim e que, assim, dava a impressão do Lázaro bíblico. De alguns anos para cá costumam-se vestir os defuntos com roupa escura. — Comunica-se, em seguida, o fato á autoridade local, o que em outros tempos só se fazia decorridos vários dias; não era provável que alguma autoridade de Teresópolis viesse a São Bonifácio só por causa de um óbito. O representante local do officio civil, o inspetor de quartirão, era um simples colono, cuja perícia naturalmente não ultrapassava a dos outros habitantes. O caixão mortuário é feito por qualquer pessoa que saiba, de algum modo, manejar as ferramentas de marceneiro; revestem-no de pano branco, quando é para uma criança, e preto, quando se destina a um adulto. Nos caixões de crianças, uma cruz de pano azul ou cor de rosa indica se o morto é de sexo masculino ou feminino. Como não há coveiro, alguns homens se dirigem ao cemitério para fazerem a sepultura. Além disso, enviam-se mensageiros em várias direções, incumbidos de comunicar a ocorrência aos restantes moradores e de informá-los da hora do enterro. Só quando se trata de crianças de poucos dias de idade, dispensam-se esses mensageiros.

Colocado o corpo no caixão, inicia-se a guarda mortuária. Ao lado do defunto, numa mesinha ou cadeira, põe-se um crucifixo, uma vela acesa e uma tigela com agua benta. Todos os que entram aspergem o morto e ajoelham-se por alguns instantes ao lado do esquife, rezando um Padre-Nosso pela alma do falecido. Durante a noite, algumas pessoas continuam a vigília, interrompendo, ás vezes, o silêncio com uma prece em comum. Fora disso, ficam sentados nalgum banco, toscanejando ou conversando em voz baixa. Aos vigias naturalmente também se serve café.

No dia do enterro, os habitantes se reúnem na casa enlutada. Antes de se fechar o caixão, recitam-se várias orações, e, em seguida, o séquito se dirige para a igreja, de onde, após mais algumas preces, o defunto é carregado para o cemitério.

Quando o sacerdote está ausente, o que se verifica ainda com bas-

tante frequência, o recitador habitual das orações, a não ser que seja parente próximo do falecido, encarrega-se de dirigir o enterro, que, ainda assim, não carece de certo grau de solenidade.

XIX. “DER ALTE LAUKAMPS OEHM”

Uma figura marcante de São Bonifácio antigo, e da qual hoje só poucos se lembram, foi “*der alte Laukamps Oehm*”. Era solteirão e vivia com sua mãe na casa de Wilhelm Exterkötter, seu cunhado. Tinha o pescoço duro e não podia mover a cabeça, pelo que andava com o rosto um pouco inclinado para a frente. Apesar desse defeito físico, era um homem alegre e sempre bem disposto. Tinha grande afeição aos filhos do cunhado, que, por sua vez, lhe queriam muito bem.

Ao lado dos trabalhos da roça, “*der alte Laukamps Oehm*” cuidava da atafona de Wilhelm Exterkötter, o que muitas vezes lhe dava grandes dissabores, porque o trabalho era vagaroso em consequência da reduzida quantidade de água. As outras duas atafonas de São Bonifácio não lutavam com a mesma dificuldade. Para o esforçado velho, que fazia tudo para servir os seus fregueses com a maior presteza possível, os períodos de seca representavam verdadeira tortura. Na atafona, onde então se formavam enormes pilhas de sacos com milho, os colonos apreciavam de tempos em tempos para verem si a farinha estava pronta. Quando insistiam demais, “*der alte Laukamps Oehm*” perdia a paciência e, tirando o cachimbo da boca, gritava: “Comam batatas si não puderem esperar! Não sou capaz de fazer milagres!”

Certa vez o nosso homem foi vítima de um incidente desagradável. Num domingo, á hora do culto, ele se pusera a moer milho, para dar conta dos serviços atrasados. Os outros inquilinos da casa haviam ido todos á capela. Enquanto trabalhava, ficou com o polegar preso no pente da roda motriz. A despeito de toda a resistência, a gigantesca roda de madeira, em vez de voltar para trás, tendia antes a prosseguir no movimento que as águas lhe impunham. Ainda bem que, com a mão livre, o velho conseguiu apanhar um pedaço de madeira, com que a calçou. Sofrendo dores horríveis, teve de esperar, naquela situação, até que da igreja voltasse alguém para livrá-lo.

“*Der alte Laukamps Oehm*” faleceu em 1903, com a idade de 65 anos.

Pouco depois de sua morte fechou-se também a atafona, que das mãos de Wilhelm Exterkötter passara para o filho, Bernhard.

XX. HEINRICH HAWERROTH

Contam-se em São Bonifácio ao todo dez famílias com o nome Hawerroth. Em outras nove, a mãe de família é portadora deste apelido. São descendentes (filhos ou netos) do finado Heinrich Hawerroth, cuja progênie, aliás, é ainda mais numerosa.

A família Hawerroth não vinha, a princípio, destinada a São Bonifácio. Chegando ao Brasil, a viuva de Johann Hawerroth, vitimado pelo tifo, estabeleceu-se na colônia do Dr. Blumenau, no Rio Teste, transferindo-se para São Bonifácio somente porque lhe era muito difícil prosperar naquela zona.

Dos três filhos, já crescidos, que a acompanhavam, sobretudo o mais moço, Heinrich, chegou a ter considerável influência entre os moradores da localidade. Casando-se com uma filha de Bernhard Buss, abastado agricultor, estabilizou logo a sua situação econômica.

O primeiro lote de terras que adquiriu, e em que havia a atafona mais bem aparelhada da localidade, comprou-o a Karl Holthausen. Graças á sua laboriosidade, parcimônia e boas relações conseguiu fazer ainda outras compras vantajosas, chegando a possuir, ao todo, 6.776.000 m² de terras. Foi-lhe possível, por isso, auxiliar proficuamente os seus filhos, quando constituíram família. Era muito ordeiro, e ainda hoje estão reunidos todos os documentos relativos ás mencionadas transações. Pela obtenção dos respectivos títulos de concessão, conseguiu também legalizar a posse de todos os seus bens de raiz.

Permitia-lhe o seu bem-estar material socorrer a colonos menos abastados que se viam em dificuldades. E foram muitos os casos em que o fez. Embora fosse bem numerosa a sua própria prole, adotou uma orfã de pouco mais de quatro anos de idade, educando-a na sua casa, e fazendo-a herdar, mais tarde, como os próprios filhos.

Sua filha mais velha, ingressando na Congregação da Divina Providência, foi a primeira jovem de São Bonifácio que abraçou a vida monástica.

Por pouco tempo embora, Heinrich Hawerroth foi também professor da escola local. Pertenceu, além disso, durante algum tempo, ao conselho escolar. E, depois que a família Tenfen deixou a direção do conselho eclesiástico, o cargo passou para ele, que o cumpriu, com notável dedicação, até os últimos anos de sua vida.

Como não houvesse ainda, naquele tempo, residência para o vigário, este, quando em visita á capela, se hospedava habitualmente na casa de Heinrich Hawerroth.

Foi, em suma, uma das personalidades que mais contribuíram para a prosperidade de São Bonifácio.

XXI. "VATER DEGERING"

Quando cheguei a São Bonifácio, era vivo ainda "*Vater Degering*", um dos veteranos do desbravamento. O seu nome de batismo era Bernhard, mas nunca o chamavam assim. O peso dos anos já lhe havia curvado o dorso, o seu andar se tornara vagaroso, e as mãos calosas mostravam bem a árdua vida de colono que levara. Todavia as suas canseiras e esforços não tinham sido em vão, e "*Vater Degering*" podia passar em sossego os seus dias de ancião na bela propriedade que legara ao filho. Havia muito que a esposa falecera, mas os netos, salvo os que já tinham constituído família, brincavam ou trabalhavam em torno do velho.

"*Vater Degering*", nascido ainda na Alemanha, em condições modestas, não tivera a felicidade de aprender a ler e a escrever. Em compensação, eram extraordinários os seus conhecimentos de religião. Era raro o domingo ou dia santificado em que "*Vater Degering*" deixava de ir á capela; não faltava nunca nas poucas missas que havia, umas duas ou três vezes por ano. Em virtude desse fervor, o venerando ancião recebera o encargo de fazer as coletas dominicais na igreja.

Certa tarde de domingo, fiz-lhe uma visita e, para divertí-lo, contei-lhe algumas anedotas. Entre elas, a seguinte historieta passada num lugarejo da Alemanha: Certa vez um sacristão, percorrendo a igreja a recolher esmolas, deu com um homem adormecido. Suspeitando, porem, tratar-se de um fingido, tocou-o com a bolsa de coletas. O homem acordou, olhou assustado para a bolsa e disse finalmente em voz baixa ao sacristão: "*Dat is nich min Mütz*" (Não é o meu boné).

"*Vater Degering*" gostou muito dessa historieta. E várias vezes, no decorrer da tarde, observei como sorria ao lembrar-se dela.

Como de costume, havia reunião de culto no domingo seguinte. Ao ofertório, enquanto eu acompanhava ao harmônio o coro da capela, "*Vater Degering*", iniciando a sua coleta, passou por mim, apresentando-me a bolsa, embora eu não lhe pudesse dar o meu óbulo porque tinha as mãos ocupadas. Disse-lhe baixinho: "*Dat is nich min Mütz*". Tive de repetir a frase, porque o ancião não me entendera. "*Vater Degering*" ficou então sorrindo durante toda a coleta e, quando tornou a passar por mim, levantou o dedo como para admoestar-me, enquanto a sua fisionomia tomou uma expressão de deliciosa arteirice.

A tradicional e característica bolsa com que "*Vater Degering*" recolhera tantos óbulos não sobreviveu muito ao venerando ancião. Um dia estava quebrada a haste, e desde então passaram-se a fazer as coletas com um simples prato de folha.

XXII. O SR. FRANZ TRESKA, UM DOS PRIMEIROS PROFESSORES DA ESCOLA LOCAL

Como tantos jovens alemães arribados em plagas brasileiras, também o sr. Franz Treska, um dos meus antecessores, primeiro tentou fortuna como professor primário. O P. Topp era um dos seus protetores especiais. Não foi longa a permanência do sr. Treska na colônia recém-fundada. Mas não faltou muito para que se desse o contrário. É que o airoso e simpático professor, que sabia contar tantas coisas interessantes da Alemanha, despertava a atenção das jovens de São Bonifácio. E ele, que também não era insensível, encontrou por sua vez, entre as beldades do lugar, uma que o cativava sobremaneira e que começou a nutrir esperanças de casar-se algum dia com o jovem professor.

O sr. Treska, entretanto, não era dado a estroinices. O seu senso prático preservou-o da imprudência de casar na colônia. Reconhecendo não ter nascido para lavrador, nem poder sustentar família com a parca remuneração de mestre-escola daqueles tempos, resolveu afinal retirar-se de São Bonifácio antes que a inclinação se arraigasse demais.

Partiu então para Florianópolis, onde, daí a pouco, se estabeleceu como mestre-padeiro. A sua casa industrial floresceu de modo notável, trabalhando atualmente com fornos elétricos e maquinaria moderna.

Embora fosse curta a sua estadia em São Bonifácio, o sr. Treska criou aí considerável círculo de amizades. Os colonos, indo a Florianópolis, o visitavam regularmente e ficavam, às vezes, hospedados na sua casa. Procuravam-no, quando se viam em dificuldades, e ele, que além de muito solícito falava o português, língua de que os lavradores só sabiam o mais indispensável para se fazerem entender, acompanhava-os quando tinham de tratar com alguma autoridade.

Com o correr dos anos, iam-se abrindo, nas zonas de colonização, estabelecimentos comerciais que compravam os produtos agrícolas e vendiam os artigos que antigamente deviam ser comprados na capital. Em consequência disso, as viagens a Florianópolis ficavam sempre mais raras, e o mesmo se dava com as visitas dos colonos á casa do sr. Treska.

Em 1934, por ocasião da intensa campanha eleitoral desenvolvida no Estado, pediu-se ao sr. Treska que induzisse os seus velhos amigos de São Bonifácio a votarem nos candidatos do partido republicano. Foi com essa incumbência que, decorridos tantos anos, o sr. Treska se apresentou novamente na localidade. Foi fácil a sua missão, porquanto os habitantes já eram adeptos daquele partido político. Antes de partir, o antigo professor prometeu enviar-lhes uma bela imagem do Padroeiro local.

Não se costumam levar muito a sério as promessas eleitorais, porque quasi nunca são cumpridas. Mas o sr. Treska não se esqueceu da palavra empenhada. Pouco depois da eleição, chegou a São Bonifácio um quadro do Padroeiro em larga moldura dourada.

Não terá influido na promessa eleitoral a recordação daquele primeiro amor?

XXIII. O SR. GEORG LEHMKUHL, UM DOS HABITANTES MAIS VELHOS DA LOCALIDADE

O sr. Georg Lehmkuhl era menino ainda, quando veio da Alemanha em companhia de seus pais. A família estabeleceu-se primeiro nas proximidades de Sto. Amaro, e o jovem, casando-se, foi depois morar no Rio Novo. Aí teve certa vez um encontro com os selvagens, que o flecharam no braço. A atitude hostil dos selvícolas para com ele se parece ter originado quando um dia ele abateu para si uma anta que, levantada pelos índios, lhe passava entre a casa e a cozinha. Receando que os atos de vingança se repetissem, transferiu-se, em 1895, para São Bonifácio, onde adquiriu a propriedade da família Vandresen, com venda e hospedaria.

Jovem e vigoroso ainda, o sr. Lehmkuhl tomou parte ativa na vida da coletividade. Foi eleito membro do conselho da comunidade eclesiástica e da escolar. No exercício dessas funções, criou numerosas amizades como naturalmente também inimizades. Houve quem fosse ter com o padre, afirmando, sem fundamento algum, que Georg nem sabia recitar as orações na capela, e, como o sacerdote cometesse a imprudência de fazê-lo recitar o terço na missa seguinte, o sr. Lehmkuhl, depois de cumprir a ordem, pediu demissão de seu cargo.

Tambem em São Bonifácio os índios se apresentaram uma vez na sua propriedade, penetrando, há uns quinze anos, numa casa desocupada existente nos fundos de seu lote de terras, e apoderando-se de algumas camas, de vários utensílios de cozinha e de uma serra. Desta fizeram pontas de flecha, algumas das quais se encontram na minha coleção.

Quando, em 1930, se dizia que os revolucionários subiriam o vale do Capivarí, o velho ficou muito receoso de perder os artigos existentes na sua venda. Podia-se, então, observá-lo, durante vários dias, a carregar caixões e sacos com mercadorias, que escondia na capueira. As tropas, porem, não passaram por São Bonifácio, e, aliviado, Georg tornou a transportar os seus artigos para a venda.

Ao entrar na casa dos sessenta, o sr. Lehmkuhl ficou com a saúde muito abalada, mas conseguiu restabelecer-se, voltando a trabalhar diariamente na roça. Perdeu, todavia, a esposa e alguns filhos e netos.

XXIV. UMA CRENDICE POPULAR

Na opinião do povo, as pessoas nascidas numa Sexta-Feira Santa distinguem-se por uma série de faculdades extraordinárias. Si, p. ex., esmagam, logo após o nascimento, uma minhoca com as suas tenras mãozinhas, poderão, futuramente, curar o dedo de quem estiver atacado do terrível panarício (“*Wurm*”).

E sem que eu o suspeitasse, vivia, há vários anos, em São Bonifácio um daqueles felizardos!

Certo dia estava eu na escola, quando bateu á porta um colono tendo uma das mãos envolvida numa atadura. Cumprimentando-me afavelmente, perguntou por determinado aluno e pediu que o deixasse um pouco a sós com o menino. Fiz os dois entrarem numa sala contigua e continuei a minha aula.

Somente depois de certo tempo me lembrei do aluno, que não tinha voltado. Fui ver o que havia, e encontrei o lavrador sentado numa cadeira, e, diante dele, em pé, o meu aluno a segurar-lhe o dedo enfermo com a mão direita. De tempos em tempos, o menino cerrava a mão com mais força, e o pobre homem, si bem que ficasse com lágrimas nos olhos, não lhe opunha a mínima resistência. Também eu não intervim, porque nessas circumstancias todo bom conselho ou ensinamento teria sido inutil. Não pude verificar si a manipulação era acompanhada de quaisquer fórmulas mágicas.

Não é permitido ao praticante cobrar coisa alguma pelo tratamento, podendo apenas aceitar o que o paciente lhe ofereça espontaneamente. O meu prodigioso aluno naquele dia terá recebido uma nota de cinco ou dez milréis pelo menos — para maior garantia do efeito...

XXV. O OSSO DE JACÚ

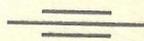
Indo ao faxinal para verificarem o estado dos animais que aí pastam, os moradores de São Bonifácio costumam levar consigo a espingarda. E não são raras as ocasiões em que no caminho dão com alguma caça. As presas são geralmente aves.

Há pouco mais de dois anos, voltou de uma dessas inspeções um colono que havia caçado um jacú. A ave, muito apreciada pela sua saborosa carne, foi logo para a panela. A boa refeição, todavia, foi subitamente interrompida, porque a dona da casa ficou com uma lasca de osso presa na garganta. Todos os remédios caseiros falharam, e os vizinhos também não sabiam mais o que aconselhar. Como na manhã seguinte o esôfago irritado começasse a doer muito, resolveu-se finalmente procurar um médico.

Pouco antes do meio-dia, a mulher e várias pessoas que a queriam acompanhar, chegaram ao hotel de São Bonifácio para esperarem o ônibus que as devia levar a Florianópolis.

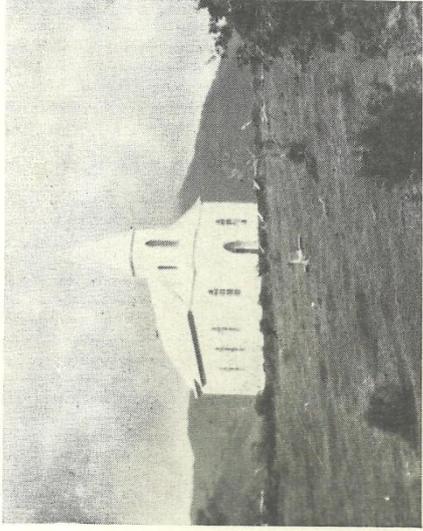
Entrementes apareceu alguém que dizia conhecer um homem capaz de retirar o corpo estranho por meio de "*Besprechen*" ("simpatia"). A mulher, tendo, como todos os colonos, um sagrado respeito do médico, mandou chamar imediatamente o precioso homem. O curandeiro, rapaz magro e de baixa estatura, com chapéu de palha e facão comprido, fez a paciente sentar-se numa cadeira no centro de um quarto, pondo-se a caminhar em torno dela, murmurando, a meia voz, algumas orações, e agitando, de tempos em tempos, numa expressão de ameaça, o facão desembainhado. Depois de mais ou menos meia hora, o interessante mas inútil processo foi suspenso pelo motorista do ônibus que, mandando o charlatão parar com as suas pelóticas, convidou a doente a embarcar.

Ainda na mesma noite, em Florianópolis um médico retirou a desagradável lasca de osso.



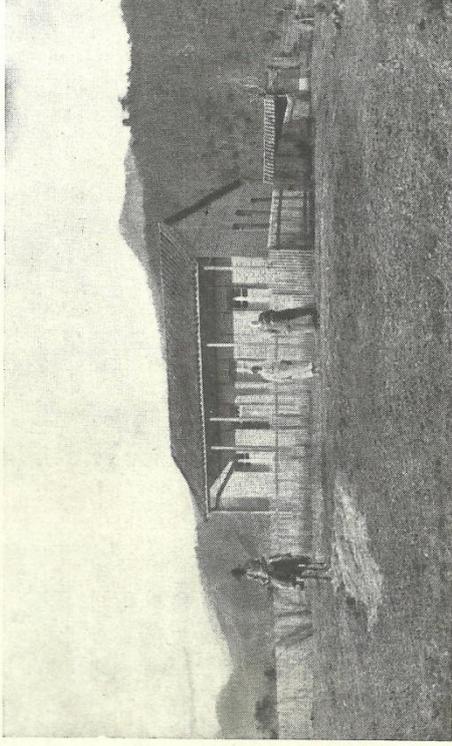
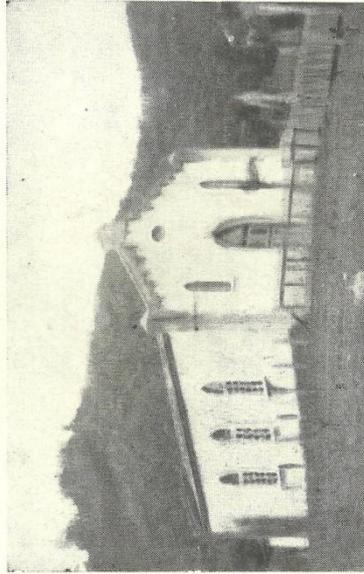


A antiga
capela de
São Bonifácio,
demolida
em 1922

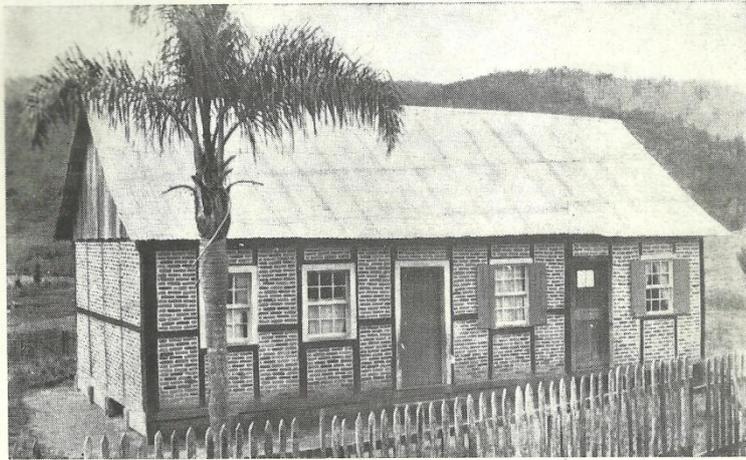


A igreja
paroquial,
inaugurada
em 1921

A igreja protestante, construída em 1917



A casa
paroquial



A antiga
escola,
demolida
em 1939



O professor
e os alunos
em
agosto de 1914



Os alunos da escola local em 1922

Os alunos voltam da igreja, depois da benção da Bandeira Nacional

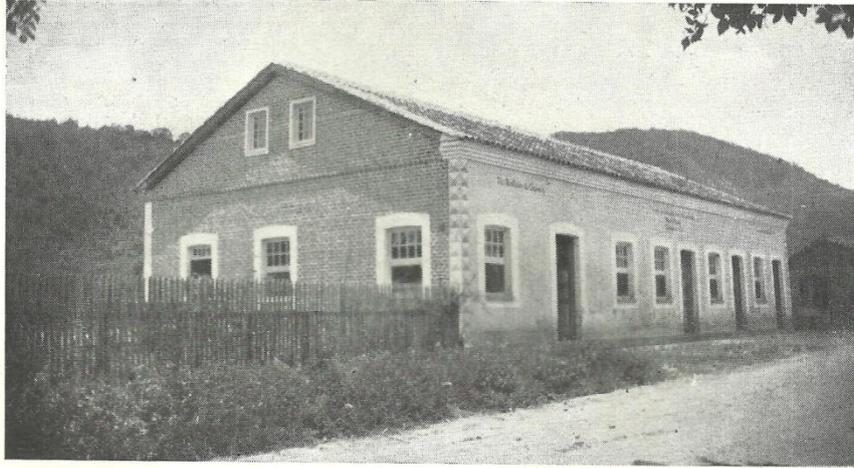


O professor fala sobre a data

Comemoração do Dia da Pátria (1935)



Primeira Comunhão dos alunos (1937)



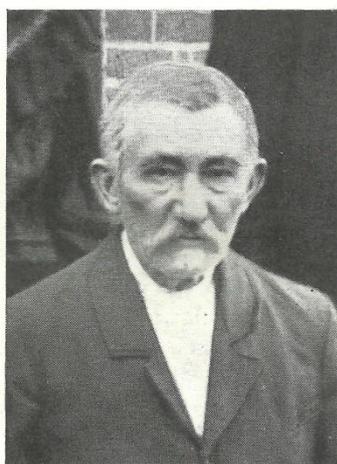
Fábrica de produtos suínos, construída em 1937
Propriedade do sr. Alberto Rösner



Panorama de São Bonifácio, há uns 20 anos



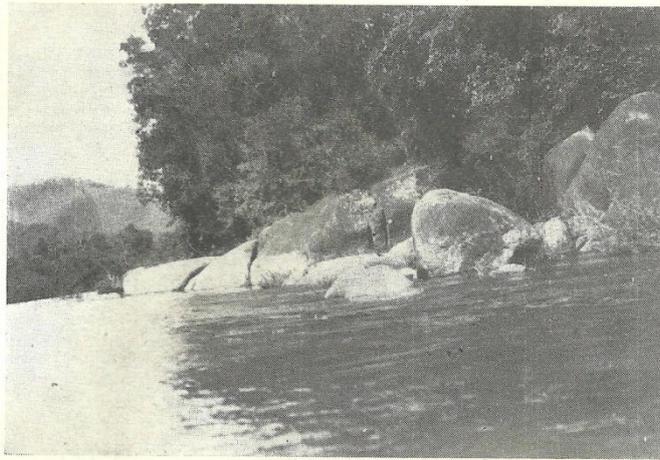
Residência da família Georg Lehmkuhl



O sr. Georg Lehmkuhl



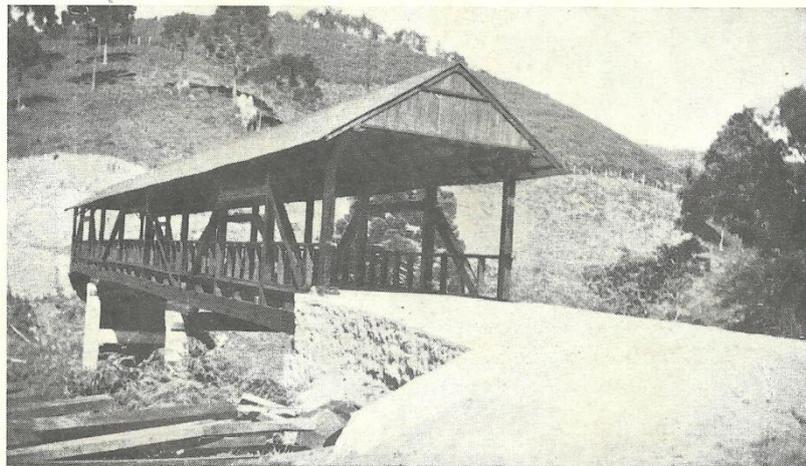
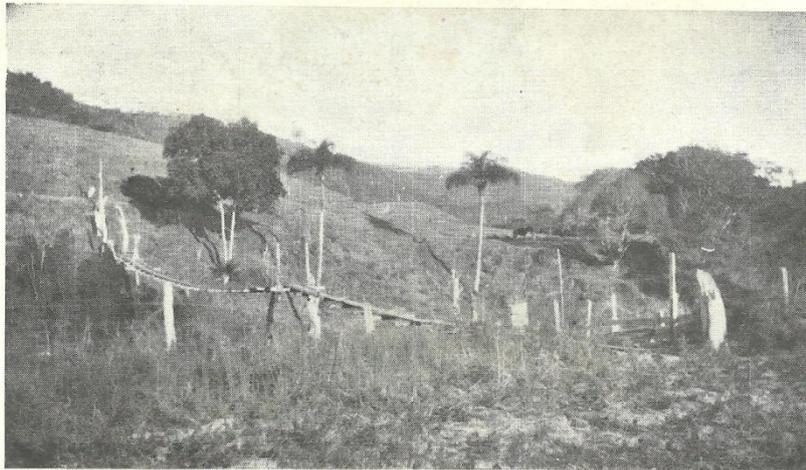
Residência da família Albert Rösner



Aspecto
do Rio Capivarí,
no perímetro da vila

Primitiva
"ponte pensil" sobre
o Rio Capivarí,
no perímetro da vila

A nova ponte
sobre o Rio Capivarí,
a jusante da vila

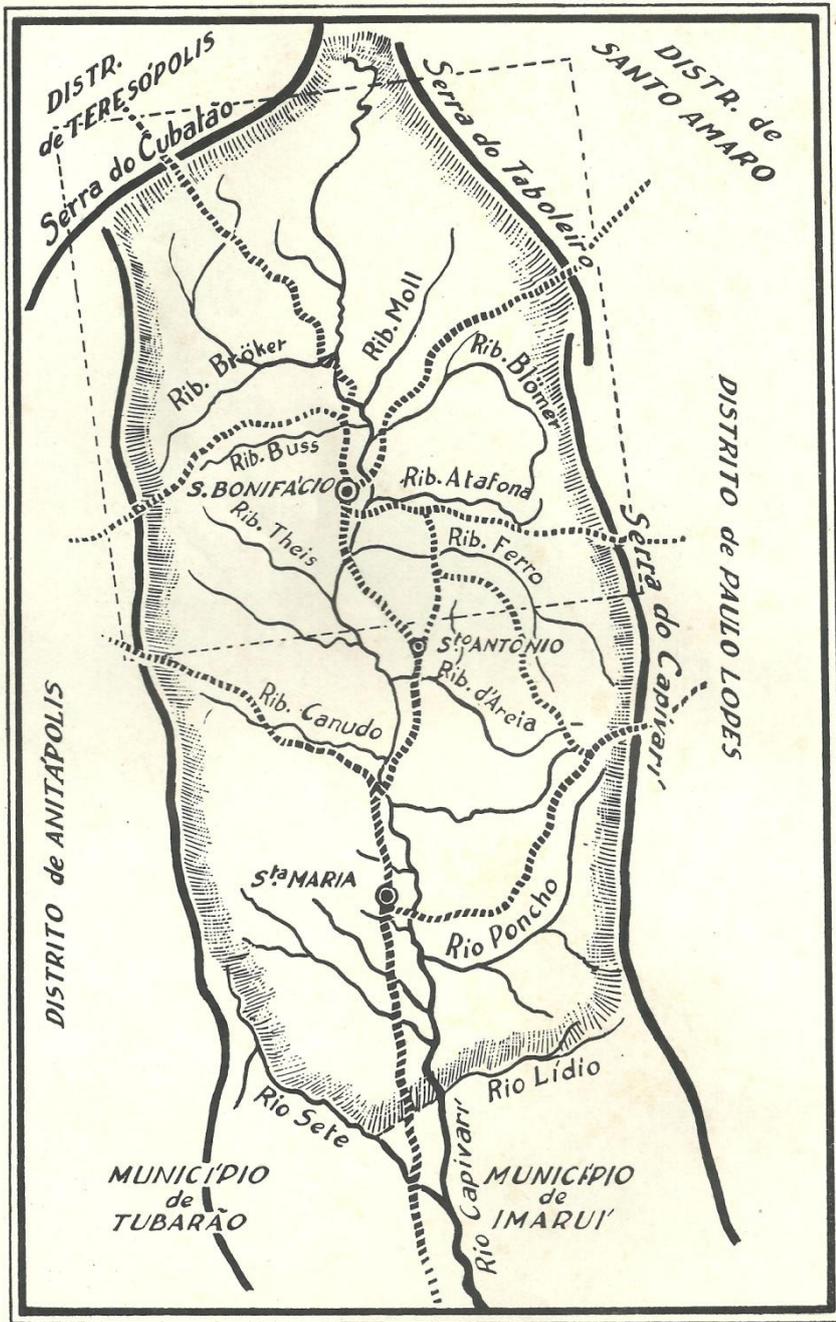




Vista do Ribeirão Arafona



Vista do Ribeirão Arafona



Distrito de São Bonifácio